



1

Examine a tirinha e responda ao que se pede.



Quino, *Mafalda 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. Identifique essa palavra e explique por que a indicou.
- A tirinha visa produzir não só efeito humorístico mas também efeito crítico. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

#### Resolução

- Trata-se da palavra *veículo*, que pode significar (1) “qualquer meio usado para transportar ou conduzir pessoas, animais ou coisas, de um lugar para outro” ou (2) “qualquer coisa capaz de transmitir, propagar, difundir algo”. Na expressão “veículo de cultura” o sentido de veículo é, claramente, (2). O humor da tirinha está em que Mafalda toma a palavra no seu sentido (1).
- O sentido crítico depreensível da tirinha provém da associação entre os ruídos emanados do televisor, que sugerem o conteúdo violento e “apelativo” da programação, e a idéia de cultura, não no sentido antropológico da palavra (“conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”), mas como sinônimo de “ilustração”, “cabedal de conhecimentos”. Longe de ser “veículo de cultura”, a televisão seria – sugere a tirinha – um veículo de barbárie.

Leia os seguintes versos, extraídos de uma canção de Dorival Caymmi.

### Balada do rei das sereias

*O rei atirou*

*Sua filha ao mar*

*E disse às sereias:*

*— Ide-a lá buscar,*

*Que se a não trouxerdes*

*Virareis espuma*

*Das ondas do mar!*

*Foram as sereias...*

*Quem as viu voltar?...*

*Não voltaram nunca!*

*Viraram espuma*

*Das ondas do mar.*

- a) Aponte, na fala do rei (primeira estrofe), um efeito expressivo obtido por meio do emprego da segunda pessoa do plural.
- b) Sem alterar o sentido, reescreva a fala do rei, passando os verbos para a 3ª pessoa do plural e substituindo, por outra, a conjunção **que**.

### Resolução

- a) A segunda pessoa do plural conota *solenidade, formalidade e antiguidade*. Esses três sentidos são adequados ao contexto imaginário de uma *balada* (“composição poética popular *antiga*”, numa das acepções registradas no *Houaiss*) em que um *rei* formula uma ordem *solene*. Além disso, o emprego da segunda pessoa também se justifica porque, sendo típico da tradição literária, ele conota “literariedade”. Uma outra razão, agora de natureza formal, é que a segunda pessoa possibilita a elipse do pronome pessoal e, portanto, presta-se a uma formulação mais sintética e elegante do que a terceira pessoa, que exige a presença do pronome pessoal, sob pena de imprecisão ou ambiguidade, como se pode notar na resposta seguinte.
- b) Vão lá buscá-la, pois (porque), se não a trouxerem, (vocês) virarão espuma das ondas do mar.

Leia o seguinte texto, extraído de uma biografia do compositor Carlos Gomes.

*No ano seguinte [1860], com o objetivo de consolidar sua formação musical, [Carlos Gomes] mudou-se para o Rio de Janeiro, contra a vontade do pai, para iniciar os estudos no conservatório da cidade. “Uma idéia fixa me acompanha como o meu destino! Tenho culpa, porventura, por tal cousa, se foi vossemecê que me deu o gosto pela arte a que me dediquei e se seus esforços e sacrifícios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras?”, escreveu ao pai, aflito e cheio de remorso por tê-lo contrariado. “Não me culpe pelo passo que dei hoje. [...] Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo que as minhas intenções são puras e espero de-sassossegado a sua bênção e o seu perdão”, completou.*

<http://musicaclassica.folha.com.br>

a) Sobre o advérbio “porventura”, presente na carta do compositor, o dicionário **Houaiss** informa: *usa-se em frases interrogativas, especialmente em perguntas delicadas ou retóricas.*

Aplica-se ao texto da carta essa informação? Justifique sua resposta.

b) Cite duas palavras, também empregadas pelo compositor, que atestem, de maneira mais evidente, que, daquela época para hoje, a língua portuguesa sofreu modificações.

#### **Resolução**

a) A pergunta modulada pelo advérbio *porventura* é claramente retórica, ou seja, é uma afirmação sob a forma de pergunta, pois nela o autor sugere ter sido o próprio pai o “culpado” de seu “gosto pela arte”, um gosto que então o levaria a contrariar determinações paternas.

b) As formas *cousa* e *vossemecê*, hoje desusadas no Brasil, atestam a evolução da língua. As formas hoje correntes dessas palavras são *coisa* e *você*. (O mesmo não seria verdade para Portugal, onde também a língua evoluiu, evidentemente, no último século e meio, e onde também as referidas palavras se transformaram, mas onde ainda são correntes, em certos dialetos, as duas formas mais antigas.)

Considere as seguintes frases, extraídas de diferentes matérias jornalísticas, e responda ao que se pede.

I. *Nos últimos meses, o debate sobre o aquecimento global vem, com perdão do trocadilho, esquentando.*

II. *Preso vigia acusado de matar empresário.*

- a) Identifique, na frase I, o trocadilho a que se refere o redator e explique por que ele pede perdão por tê-lo produzido.
- b) É correto afirmar que na frase II ocorre ambigüidade? Justifique sua resposta.

#### Resolução

- a) O trocadilho pelo qual o redator da frase se desculpa consiste no emprego do verbo *esquentar* no predicado de uma oração cujo sujeito é “o debate sobre o aquecimento global”. O tema em questão – o *aquecimento* global – associa-se, muito obviamente, à idéia de *esquentar* em sentido próprio (“aquecer-se”), daí derivando o emprego trocadilhesco desse verbo em sentido figurado (“acirrar-se, agravar-se”). A obviedade da associação – *aquecimento/esquentar* – é que seria responsável pelo retórico pedido de desculpas.
- b) Sim, é correto afirmar que a frase II é ambígua, porque ela pode ser entendida de duas formas, a saber: (1) foi preso o vigia acusado de matar empresário, e (2) um preso vigia o acusado de matar empresário. *Vigia*, na interpretação (1), é substantivo; na interpretação (2), é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *vigiar*, complementado pelo objeto direto *acusado*. O particípio *preso* tem força verbal em (1), funcionando, na fórmula sintética da manchete jornalística, como parte da locução da voz passiva “foi preso”; em (2), porém, o mesmo particípio tem sentido nominal, funcionando como adjetivo substantivado (o preso, um preso)

Leia a seguinte fala, extraída de uma peça teatral, e responda ao que se pede.

Odorico — *Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e, por que não dizer, a sagração do povo que me elegeu.*

Dias Gomes. **O Bem-Amado:**  
farsa sócio-político-patológica em 9 quadros.

- a) A linguagem utilizada por Odorico produz efeitos humorísticos. Aponte um exemplo que comprove essa afirmação. Justifique sua escolha.
- b) O que leva Odorico a empregar a expressão “por que não dizer”, para introduzir o substantivo “sagração”?

#### **Resolução**

- a) O emprego do neologismo *agoramente* produz efeito humorístico, já que, ao acrescentar o sufixo *-mente* ao vocábulo *agora*, Odorico cria outro advérbio, com a intenção de reforçar o tom persuasivo de seu discurso pretensamente solene. Outro exemplo pertinente seria a produção de eco por meio da repetição do sufixo *-ção* presente na enumeração “confirmação, satisfação, a autenticação e (...) a sagração”.
- b) O substantivo *sagração* pode ser entendido como “ato ou efeito de sagrar rei, bispo etc. em cerimônia religiosa”. Ao empregar a expressão “por que não dizer” para introduzir tal substantivo, Odorico intensifica a expressão de sua pretensão de homem público que se julga digno de receber todas as honras de seu povo.

Leia o trecho abaixo, extraído de um conto, e responda ao que se pede.

*eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados ao corpo as pernas juntas estava de sapatos Mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça menino! mas dessa vez eu estava deitado de sapatos e ela viu e não falou nada ela sentou-se na beirada da cama e pousou a mão em meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?*

Luiz Vilela. Eu estava ali deitado.

- a) O texto procura representar um “fluxo de consciência”, ou seja, a livre-associação de idéias do narrador-personagem. Aponte dois recursos expressivos, presentes no texto, que foram empregados com essa finalidade.
- b) Cite, do texto, um exemplo de emprego do discurso direto.

#### **Resolução**

- a) **Entre os elementos empregados para simular o fluxo de consciência podem-se apontar a reiteração insistente da conjunção aditiva e, a ausência de pontuação e a repetição vocabular. Esses procedimentos contribuem para sugerir o caráter labiríntico do período, buscando imitar a liberdade característica do monólogo interior.**
- b) **Há discurso direto, que consiste na transcrição fiel da fala de uma personagem, em “deixe de preguiça menino” e “você não quer mesmo almoçar?”.**

Leia o trecho de abertura de **Memórias de um sargento de milícias** e responda ao que se pede.

*Era no tempo do rei.*

*Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente tímida e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores.*

Manuel Antônio de Almeida.

**Memórias de um sargento de milícias.**

- a) A frase “Era no tempo do rei” refere-se a um período histórico determinado e possui, também, uma conotação marcada pela indeterminação temporal. Identifique tanto o período histórico a que se refere a frase quanto a mencionada conotação que ela também apresenta.
- b) No trecho aqui reproduzido, o narrador compara duas épocas diferentes: o seu próprio tempo e o tempo do rei. Esse procedimento é raro ou frequente no livro? Com que objetivos o narrador o adota?

**Resolução**

- a) O período histórico a que se refere a frase é o que se inicia com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, sendo D. João VI o rei referido. A frase “Era no tempo do rei”, para além dessa referência histórica, associa-se à abertura formular de contos de fadas e semelhantes – “Era uma vez...” – e, nesse sentido, conota tempo e espaço indefinidos.
- b) Esse procedimento é frequente no livro, pois um dos objetivos do narrador é confrontar duas épocas – a sua (tempo da enunciação) e aquela em que ocorrem os fatos narrados (tempo do enunciado).

Leia o trecho de **A cidade e as serras**, de Eça de Queirós, e responda ao que se pede.

*Então, de trás da umbreira da taverna, uma grande voz bradou, cavamente, solenemente:*

– *Bendito seja o Pai dos Pobres!*

*E um estranho velho, de longos cabelos brancos, barbas brancas, que lhe comiam a face cor de tijolo, assomou no vão da porta, apoiado a um bordão, com uma caixa a tiracolo, e cravou em Jacinto dois olhinhos de um brilho negro, que faiscavam. Era o tio João Torrado, o profeta da serra... Logo lhe estendi a mão, que ele apertou, sem despegar de Jacinto os olhos, que se dilatavam mais negros. E mandei vir outro copo, apresentei Jacinto, que corara, embaraçado.*

– *Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez por aí todo esse bem à pobreza.*

*O velho atirou para ele bruscamente o braço, que saía, cabeludo e quase negro, de uma manga muito curta.*

– *A mão!*

*E quando Jacinto lha deu, depois de arrancar vivamente a luva, João Torrado longamente lha reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando:*

– *Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!*

*[...] Eu então debrucei a face para ele, mais em confidência:*

– *Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer por aí, pelos sítios, que el-rei D. Sebastião voltara?*

Eça de Queirós. **A cidade e as serras**.

- No trecho, Jacinto é chamado, pelo velho, de “Pai dos Pobres”. Essa qualificação indica que Jacinto mantinha com os pobres da serra uma relação democrática e igualitária? Justifique sua resposta.
- Tendo em vista o contexto da obra, explique sucintamente por que o narrador, no final do trecho, se refere a “el-rei D. Sebastião”.

### **Resolução**

- A relação que Jacinto mantinha com os pobres da serra não era igualitária nem democrática. Era paternalista, assistencialista, mantendo-se a distinção de classe e de privilégios entre o “Príncipe da Grã-Ventura” e os camponeses. A própria fala de João Torrado evidencia a distinção que cerca Jacinto: “Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara”. Jacinto, “o pai dos pobres”, por mais que dê esmolas e deseje atribuir certa dignidade aos trabalhadores da serra, conserva a estrutura socioeconômica de que é beneficiário, assim como os privilégios e o tratamento reverencial com que é distinguido.
- A referência a Dom Sebastião remete ao mito mais arraigado na cultura lusa: a possível volta triunfal



do rei derrotado em 1578, na África. O retorno de Dom Sebastião restauraria o império português, a riqueza e a felicidade do povo. O profeta das serras, João Torrado, associa o paternalismo do proprietário rural, Jacinto, que chega da França a Portugal, ao messianismo sebastianista.

**9**

Leia as afirmações abaixo e responda ao que se pede.

- I. A dureza do clima, que se manifesta principalmente nas grandes secas periódicas, explica todas as aflições de Fabiano, ao longo da narrativa de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos.
- a) Você concorda com essa afirmação (I)? Justifique sucintamente sua resposta.
- II. Apesar de quase atrofiadas na sua rusticidade, as personagens de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, conservam um filete de investigação da interioridade: cada uma delas se perscruta, reflete, tenta compreender a si e ao mundo, ajustando-o à sua visão.
- b) Você considera essa afirmação (II) correta? Justifique brevemente sua resposta.

#### **Resolução**

- a) Não, pois a seca é um apenas, mas não o único, dos fatores que afligem Fabiano e sua família, e não explica todos os dramas da personagem. A *secura* em *Vidas Secas* não se restringe ao clima e à paisagem; é, ainda, uma “secura” existencial, linguística e social, advinda de fatores políticos, econômicos e culturais. As aflições de Fabiano também derivam, por exemplo, da violência que sofre por parte do soldado amarelo (símbolo da autoridade opressora) assim como de sua incapacidade de comunicação.
- b) A afirmação pode ser considerada correta, pois esse “filete de investigação da interioridade” é um recurso de que se vale o narrador, por meio do uso do discurso indireto livre, para trazer à tona os dramas internos de Fabiano e de sua família.

Leia o trecho do conto “Minha gente”, de Guimarães Rosa, e responda ao que se pede.

Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingazeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que ele dobra o pio. Quatro notas, em menor, a segunda e a última molhadas. Romântico.

Bento Porfírio se inquieta:

— Eu não gosto desse passarinho!... não gosto de violão... De nada que põe saudades na gente.

J. Guimarães Rosa. Minha gente. **Sagarana**.

- a) No trecho, a menção ao sabiá e a seu canto, enfaticamente associados a “Romântico” e a “saudades”, indica que o texto de Guimarães Rosa pode remeter a um poema, dos mais conhecidos da literatura brasileira, escrito em um período em que se afirmava o nacionalismo literário. Identifique o poema a que remete o texto de Rosa e aponte o nome de seu autor.
- b) Considerando o trecho no contexto de **Sagarana**, a provável referência, nele presente, a um autor brasileiro indica que Guimarães Rosa é um escritor nacionalista, que rejeita o contato com línguas e culturas estrangeiras? Justifique sucintamente sua resposta.

#### Resolução

- a) O trecho de “Minha gente” pode remeter ao poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, figura central da primeira geração de poetas românticos brasileiros, reconhecida por seu pendor nacionalista.
- b) O estilo de Guimarães Rosa caracteriza-se por um intenso trabalho linguístico que, entre outros procedimentos, recorre com frequência a vocábulos de línguas estrangeiras. Para comprovar esse fato, basta observar que o nome da obra em que “Minha gente” se insere, *Sagarana*, foi composto por meio de hibridismo, ou seja, pela fusão de palavras de línguas diferentes: *saga*, elemento procedente do antigo escandinavo, no sentido de “narrativas antigas, contos, lendas”, e *rana*, sufixo tupi que indica semelhança. (Cf. Nilce Sant’anna Martins, *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo, EDUSP, 2001, p. 439.)



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau\\_frontera\\_caf%C3%A9.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_frontera_caf%C3%A9.jpg), 30/06/2008.

## fronteira

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.  
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato.  
Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo “fronteira” é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

### Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

## Comentário à proposta de Redação

Partindo de algumas definições da palavra “fronteira”, extraídas do dicionário Houaiss, a Banca Examinadora convidou o candidato a redigir uma dissertação sobre um ou até dois tipos de fronteira, exemplificados pelo enunciado tanto no sentido literal (geográfico, físico) como no figurado (cultural, linguístico, psicológico, científico etc).

Aquele que optou por abordar o tema sob o aspecto espacial poderia ter feito uso dos conhecimentos de Geografia e História, dentre outros, para expor seu ponto de vista sobre os critérios — muitas vezes arbitrários — utilizados para a demarcação de territórios e para a decorrente exclusão de pessoas nele indesejadas. Um grande número de conflitos e guerras que hoje se desenrolam no mundo são consequência dessa função da demarcação de fronteiras. Na contramão dessa tendência, caberia lembrar os esforços de unificação promovidos por alguns países da Europa, ilustrados na sutil demarcação de um calçamento como símbolo da fronteira que separa a Holanda da Bélgica. Quanto aos efeitos colaterais dessa “união”, seria pertinente mencionar as crescentes restrições à entrada de imigrantes nesses mesmos países.

Caso tenha escolhido tratar das fronteiras abstratas, o candidato poderia ter-se valido do próprio repertório cultural para demonstrar a importância de fenômenos como o da globalização, que, ao mesmo tempo que aproxima culturas e democratiza o conhecimento, estimula o surgimento de barreiras sociais, políticas e econômicas — muitas das quais intransponíveis. No que diz respeito às fronteiras psicológicas, questões relativas de natureza moral ou ética poderiam ser exploradas como “zonas fronteiriças”, delimitadoras do que seria “certo” ou “errado”, de acordo com valores de diferentes culturas.